

CEDI

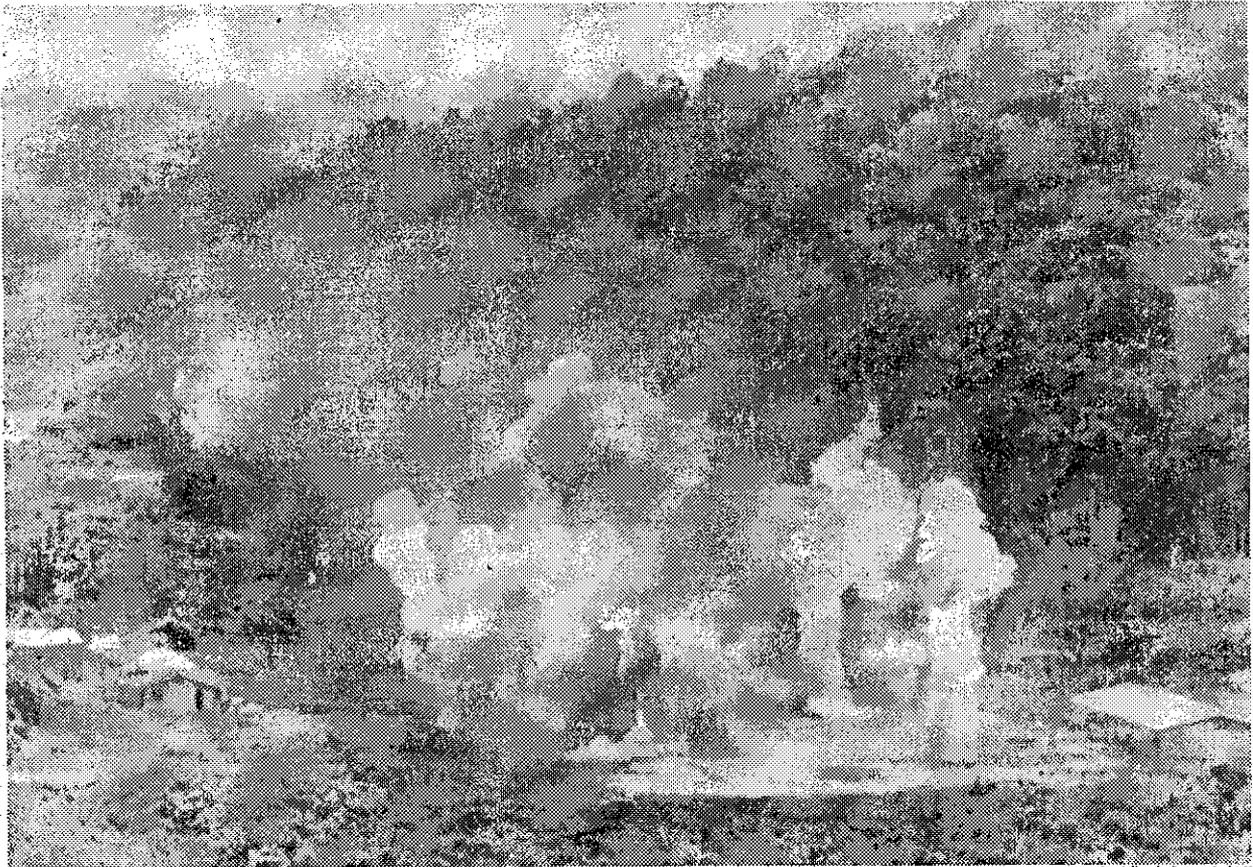
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : DESP

CLASS. : 112

DATA : 03 05 90

PG. : capa
112



Jose Paulo Lucerda/AB

Pista destruída

A pista clandestina do Baiano Formiga, em Boa Vista, construída por garimpeiros para pouso de aviões em território

dos índios ianomamis, foi dinamitada ontem por agentes da Polícia Federal. Foram 57 explosões, que abriram gran-

des buracos em toda a área. Outras onze pistas devem ser destruídas nos próximos 15 dias.

PF dinamita pista clandestina em RR

Nos próximos 15 dias serão destruídas mais 11 pistas localizadas em áreas indígenas

LIANA JOHN

BOA VISTA — A explosão ontem da pista clandestina de pouso conhecida por Baiano Formiga, construída por garimpeiros na reserva indígena dos ianomâmi, foi classificada pelo diretor-geral da Polícia Federal, delegado Romeu Tuma, como "sensacional", provocando aplausos entre os presentes. Além de Tuma, assistiram à dinamitação da pista o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Ailton Alcântara Gomes, soldados, policiais e jornalistas.

A dinamitação, que provocou uma seqüência de 57 explosões, jogou terra a 50 metros de altura e provocou muita fumaça. Segundo avaliação de técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recurso Naturais Renováveis (Ibama), é provável que parte da fauna local se tenha assustado. Nos próximos 15 dias mais 11 pistas serão dinamitadas.

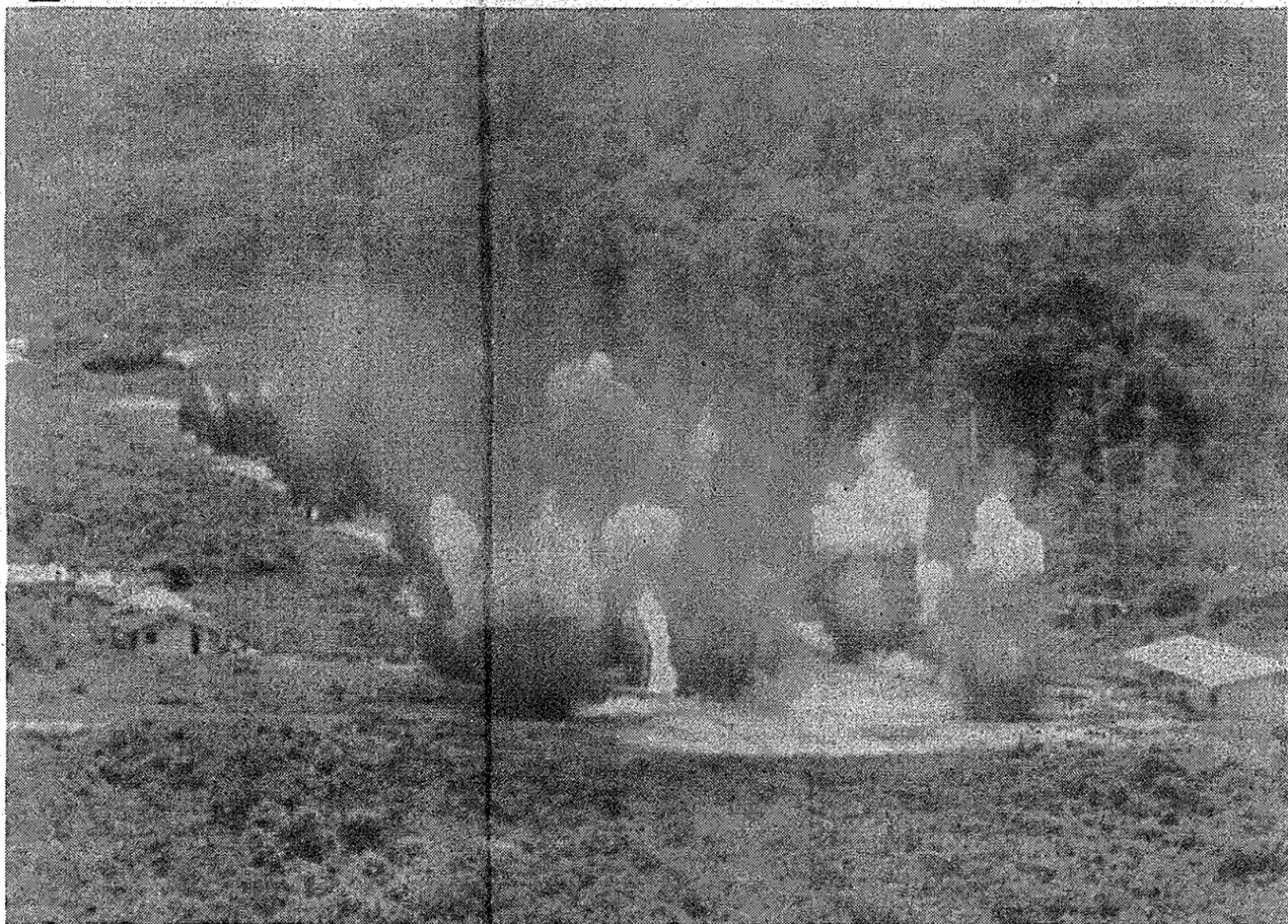
"Após quatro meses de espera e angústia, todo esse trabalho representa uma homenagem aos que acreditaram desde o começo no sucesso da operação", afirmou Tuma. Segundo ele, cerca de 70 policiais contrairam malária, desde o início da retirada dos garimpeiros da região.

A destruição da pista do Baiano Formiga, com 600 metros de comprimento por 60 de largura, consumiu 670 quilos de dinamite. Os explosivos provocaram na pista uma série de

crateras, cada uma com quatro metros de diâmetro e dois de profundidade. Mesmo sem ter visto os buracos, um grupo de garimpeiros já garantiu que conseguirá fechar as crateras em menos de uma semana, reativando a área.

"Para que o local se transforme novamente em pista de pouso, serão necessários equipamentos de grande porte, pois a terra está toda solta no local", garantiu Tuma. De acordo com ele, explosões semelhantes realizadas no Peru dificultaram a operação de traficantes de drogas, embora em alguns casos o problema dos buracos tenha sido contornado com a colocação de pranchas de madeira. De qualquer modo, o preço baixo do ouro em Roraima, a proximidade da estação chuvosa e o alto custo na recuperação das pistas devem garantir, pelo menos por algum tempo, o afastamento dos garimpeiros da área.

Até o fim da época das chuvas, esperado para o início de outubro, as autoridades envolvidas na explosão das pistas devem dar uma solução para o maquinário do garimpo, ainda amontoado na pista do Geremias, onde se localiza a base de operações da Polícia Federal e do Exército. O presidente da Funai, Alcântara Gomes, pensa em requisitar os equipamentos para fazer um sistema de drenagem das lagoas e poças formadas nos barrancos abandonados pelos garimpeiros. Nas águas estagnadas proliferam mosquitos transmissores da malária. Para João Cunha Blos, representante do Ibama em Roraima, a drenagem não é necessária, pois, segundo sua avaliação, as chuvas se encarregarão de restabelecer o fluxo normal.



Pista do Baiano Formiga: 670 quilos de explosivos para impedir o acesso de garimpeiros à reserva ianomâmi

José Paulo Lacerda/AB

Garimpeiros deixam devastação e doenças

BOA VISTA — Os garimpeiros deixaram nos rios da reserva ianomâmi um rastro devastador: margens e barrancos desfeitos, terra revolvida e muita água empoçada nas lagoas que hoje preenchem os buracos cavados em busca do ouro. "Quando as águas baixarem, no final da estação chuvosa, a malária vai acarretar muitas mortes", prevê o médico da Funai Oneron Pitham, responsável pelo atendimento dos índios na base de operações da Polícia Federal e do Exército, concentrada na pista do Geremias. De acordo com Pitham, os índios que não estão com malária apresentam sintomas graves de desnutrição.

Além de Pitham, duas enfermeiras da Funai tratam dos ianomâmi na pista do Geremias, em um barracão aberto e em condições precárias de higiene. O tratamento médico

também é dificultado pela falta de pessoal especializado e pela ausência de transportes. "Agora, com a presença dos helicópteros para acompanhar as explosões, o atendimento melhorou", afirma Pitham. "Mas no fim do trabalho de dinamitação voltaremos a ter problemas, pois precisamos ir até o mato para medicar os índios e dependemos dos helicópteros", afirmou.

Segundo informações do médico da Funai, a retirada dos garimpeiros da reserva indígena contribuirá para reverter a grave situação de saúde dos ianomâmi. Nas 19 malocas habitadas por 1.283 índios visitados por Pitham, foram registrados 880 doentes. A malária já contaminou 219 índios, as doenças de pele atingiram 214, 116 estão com infecções pulmonares, e 107 sofrem de desnutrição.

As doenças venéreas, que não existiam antes do garimpo, também estão se alastrando na região. Até o vírus da Aids ameaça os ianomâmi. "Ainda não confirmamos nenhum caso, mas muitas pessoas têm sofrido transfusões de sangue constantemente para combater a anemia causada pela malária", explicou Pitham. Com as transfusões, os indígenas ficam ainda sujeitos a contrair doença de Chagas e hepatite.

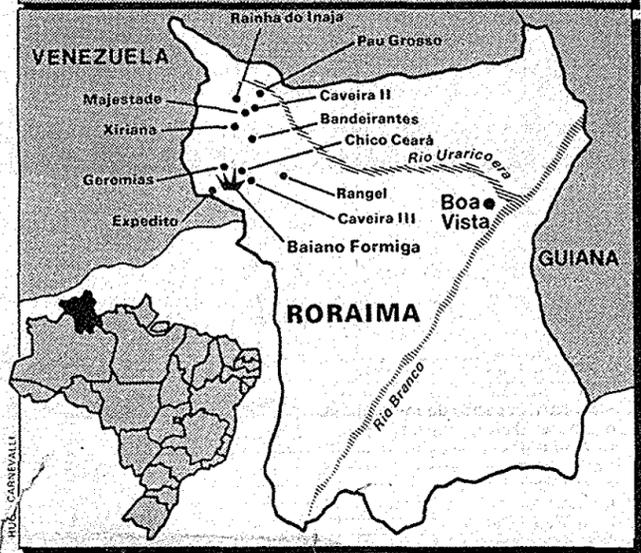
Hoje a Polícia Federal prosseguirá com a explosão de mais onze pistas clandestinas de pouso localizadas na reserva, próximas à base militar de Surucucu, ao ritmo de uma por dia. A primeira a ser dinamitada será a pista do Pau Grosso, seguida da pista do Chico Ceará e das conhecidas por Caveira II e III. O restante das 70 pistas que ainda

não foram destruídas ficará para depois da estação chuvosa.

Segundo avaliação da Polícia Federal, cerca de 500 garimpeiros ainda estão na área reservada aos ianomâmi. Alguns alegam que faltam aviões na região para voltar a Boa Vista e permanecem no local. De acordo com Romeu Tuma, a PF verificará antes das próximas explosões se não há garimpeiros na área. "Vamos tomar cuidado, mas os trabalhadores tiveram todas as condições para deixar o local. Fornecemos até passagens para que eles voltassem às suas regiões de origem", explicou. Segundo Tuma, o prazo para a saída dos garimpeiros foi estipulado em 60 dias após o dia 7 de janeiro. "Atrasamos a operação em mais de dois meses; portanto, os garimpeiros não podem alegar falta de tempo ou de condições para deixar a reserva", argumentou.

Explosões na selva

A pista do Baiano Formiga foi a primeira a ser explodida. Nos próximos 15 dias outras 11 pistas serão dinamitadas



Mineração põe em risco novas áreas indígenas

BRASÍLIA — A política econômica do governo e a decisão do presidente Fernando Collor de explodir as pistas de pouso clandestinas na reserva ianomâmi estão motivando os garimpeiros a invadir novas áreas indígenas em Roraima, segundo denúncia do Núcleo de Direitos Indígenas (NDI).

O plano econômico de Collor, conforme avaliação do NDI, provocou a queda na cotação do ouro e a elevação no preço do transporte aéreo, único acesso à reserva ianomâmi. Diante disso, os garimpeiros optaram por invadir as terras do macuxi e wapixana, que se espalham em mais de 100 aldeias em uma região acessível por via terrestre.

A situação se agravou com a reativação de uma linha de ônibus que parte de Boa Vista com destino a Uiramutã, no norte do País. Segundo o NDI, o governador de Roraima, Rubens Villar, prometeu na posse de Collor preservar a reserva ianomâmi, mas reconheceu de público que para isso, seria preciso superar primeiro uma montanha de ouro".